




A³P - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA
ESCOLA POLYTECHNICA DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA NACIONAL DE
ENGENHARIA – ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ
ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A³P – nº 186 – dezembro de 2018

Av. Rio Branco, 124/21º andar – Centro – Rio de Janeiro

Tel: (21) 98876-0098 ou (21) 3938-7435 ou 7436

Site: www.a3p.poli.ufrj.br  @A3Politecnica e-mail: a3p@poli.ufrj.br

A³P participa do Jubileu de Ouro da Turma de 1968.

No último dia 23 de novembro, mais de 50 antigos alunos formados em 1968, turma que escolheu como Patrono “O Povo Brasileiro”, comemoraram o cinquentenário de formatura na Sala da Congregação da Escola Politécnica, na Cidade Universitária.

Além dos componentes da turma, estiveram presentes também alguns professores que foram homenageados na Colação de Grau realizada em 04 de dezembro de 1968 no Ginásio Gilberto Cardoso, o Maracan zinho: Professores Adolpho Polillo, B. Ernani Diaz e Olavo Cabral Ramos Filho.

A A³P fez parte da mesa, juntamente com a Diretora da Escola Politécnica, Prof^a. Claudia Morgado e a Prof^a. Maria Antonieta Gimenes, representando o Decano do Centro de Tecnologia, Prof. Walter I. Suemtizu.

Todos os componentes da mesa se manifestaram saudando os ex-alunos ali presentes. Para que a cerim nia não mais se alongasse, o Presidente da A³P fez uma curta saudação, parabenizando-os pela aprovação no vestibular em 1964, pela colação de grau em 1968 e por estarem comemorando o cinquentenário de formatura naquele momento.

Em nome dos colegas, o Prof. Baraúna relembrou os tempos de estudantes, algumas das dificuldades encontradas durante o curso e as alegrias que foram por eles vivenciadas.

Após a cerim nia foi afixada uma placa comemorativa no Hall do Bloco A, 2  andar e, por solicitação da Comissão Organizadora do evento, coube ao Presidente da A³P descerr -la.

Em seguida, houve uma visita dos presentes ao Museu da Escola Politécnica, também no 2  andar do Bloco A, onde se preparou uma mostra histórica

expondo-se a Ata da Congregação realizada em 29 de abril de 1968 que premiou os melhores alunos da Turma (João Frederico Prunzel, Paulo José Possas, José Carlos Sili Salomão e Stênio Monteiro de Barros), alguns poliedros do Prof^o. Rangel, uma antiga régua de cálculo, objeto que na época fazia parte da “indumentária” de estudantes e engenheiros, quase que obrigatório para a realização de provas e trabalhos, o discurso que foi proferido pelo colega Paulo Possas durante a Colação de Grau, etc.

Alguns componentes da turma são associados da A3P e pudemos constatar entre os presentes, salvo alguma omissão não intencional, as seguintes presenças: Israel Blajberg, Jose de Ribamar Murad, Manuel Orlando da Silva Moreira e Margarida Lima.



Placa afixada no Hall do Bloco A pela Turma de 1968.

No dia seguinte, os componentes da turma participaram de um almoço de confraternização no Tijuca T nis Clube. Na ocasião foi exposto, por empréstimo do Museu da Politécnica, o quadro de formatura com as fotografias de todos os formandos e professores e pessoas homenageadas.

“ME ENGANA QUE EU GOSTO”

Sob o título acima, o nosso associado Miguel Fernández y Fernández publicou artigo na coluna Opinião do Jornal do Brasil de 21 de agosto de 2018. O Eng. Miguel apontou problemas decorrentes da Lei 8.666, que trazem consequências para a engenharia brasileira. Consideramos a matéria atual e perfeitamente pertinente e, por isso, republicamos na íntegra o seu artigo:

“A contratação de serviços de engenharia (e certamente outros) usando o “menor preço” como fator decisório, é um grave erro. É simplista e só defensável em exceções.

Os argumentos para escolher engenharia pelo menor preço são inocentes, infantis, demagógicos ou “espertos”.

O menor preço será sempre daquele que errar para menos, ou do desesperado que “mergulhar”. Em ambos os casos o contratado ficará na dependência da boa vontade da fiscalização. Meio caminho andado para conhecidos problemas.

Com a opção pelo “menor preço”, os prepostos dos contratantes (população ou acionistas) acham que estão se eximindo de críticas e suspeitas, seu salários chegarão ao final do mês e o resto que se “explôda”. Na verdade estão adiando, transferindo e/ou criando problemas e enterrando a nossa engenharia.

Para que nem se diga que estamos “inventando moda” (embora novidades não sejam intrinsecamente erradas, é muito comum esse tipo de contestação), nos idos de 1975-76-77 foram feitas diversas concorrências de engenharia com critério de decisão usando o preço médio dos ofertantes.

Antes de fazer a média, eliminavam-se os preços extremos para evitar distorções ou manipulação e ganhava aquele que se aproximasse mais da média, ou seja, a decisão ficava entre os que sabiam o que estavam propondo fazer e não era manipulável.

Funcionaram muito bem para os interesses dos contratantes verdadeiros contratantes (acionistas ou público) da engenharia. Infelizmente o critério foi abandonado e sepultado pela lei 8.666. Por quê? Este escriba acredita que justamente porque não era manipulável, “forças ocultas”.

Dentre os serviços de engenharia, a contratação por preço mínimo é ainda mais cruel para as atividades de “Consultoria e Projeto” (que responde só por cerca de 7,5% do custo dos empreendimentos).

É o pessoal do papel, onde são feitos os planos e os estudos, definidos e calculados onde e como serão construídos (ou não) fábricas, portos, estradas, canais, sistemas de água e esgotos, escolas, presídios, hospitais, etc. E isso é claríssimo, pois sendo um serviço que precede a concretização do que se quer, como mensura-lo e muito menos julgar com o preço?

A engenharia brasileira, considerada uma das melhores do mundo, recentemente foi atingida em cheio por um conjunto de situações que queremos e precisamos ver revertidos. Em um “mea-culpa”, os engenheiros ao se submeterem às regras do jogo (ou seriam excluídos), se habituaram a conviver em ambientes infectos onde uma das máximas é “o bom cabrito não berra”. Acabaram se desarticulando como cidadãos ou grupo profissional. Grande parte das empresas e os próprios órgãos de classe não os defendem porque os interesses comerciais e corporativos se sobrepõem.

Os cidadãos que optam pela honrada e digna profissão de engenheiro, operários mais qualificados, mas sempre operários, costumam ser extremamente práticos e lógicos. Como foi acontecer isso no nível que está ocorrendo?

Estamos convencidos de que é preciso identificar e corrigir as causas do infortúnio por que estamos passando no setor de engenharia e que este é um dos pontos que precisam ser discutidos sem preconceitos.

Escolher pelo menor preço é um “me-engana-que-eu-gosto”. Há outros. Voltaremos ao tema.”

Miguel Fernández y Fernández é engenheiro civil, formado na turma de 1970.

A³P participa da Audiência Pública para discussão das Novas Diretrizes Curriculares para Engenharia.

No dia 21 de novembro último foi realizada no Clube de Engenharia Audiência Pública para a discussão da proposta do Conselho Nacional de Educação flexibilizando os cursos de engenharia no Brasil.

A Diretora da Politécnica, Prof^a Claudia Morgado, considera que a proposta dá margem para a criação de cursos que teriam um rótulo de engenharia, mas, a rigor, acabariam formando profissionais sem um conteúdo mínimo necessário à boa formação, principalmente nos conteúdos de cálculo e física.

A A³P esteve presente na Audiência, dando a sua contribuição na discussão. O Presidente da A³P não pode comparecer, sendo representado pelo Prof. Fernando Danziger, Diretor da associação. Leia a seguir, na íntegra, a sua manifestação:

“Meu nome é Fernando Danziger, eu estou aqui como Diretor da A3P, representando a Associação de Antigos Alunos da Escola Politécnica da UFRJ. Sou também professor Titular da COPPE e da Escola Politécnica da UFRJ. Mas não tenho apenas o viés acadêmico, já que trabalhei mais de 10 anos na iniciativa privada, na área de Engenharia Geotécnica, em projetos e obras ligadas ao Setor de Energia. Além disso, meu pai foi engenheiro e empresário da construção civil. Estou mencionando isso para dizer que conheço razoavelmente bem todos os setores associados à engenharia.

Minha contribuição é relacionada ao Currículo Mínimo, que parece ser a essência de nosso debate. Naturalmente, a minuta apresentada tem aspectos positivos, como a questão da avaliação, por exemplo. Mas a questão polêmica é a do currículo mínimo.

De fato, permitir que indivíduos venham a possuir o título de engenheiro sem uma formação adequada em ciências básicas é torná-lo incapaz de atuar corretamente em problemas fundamentais de engenharia.

O engenheiro é um “resolvedor” de problemas, técnicos, essencialmente. Com a característica hoje discutida, desejada, de inovação, ele continua a ser um “resolvedor” de problemas técnicos de todo porte. Aliás, inovador, engenheiro sempre foi. Apenas hoje deram essa roupagem, esse rótulo, de algo que sempre fomos. Mas tirar-lhe as ferramentas essenciais, que são as ciências básicas, é tirar-lhe a capacidade de resolver problemas.

Essa questão do currículo mínimo, se aprovada – e eu espero que não seja levada adiante, pois é equivocada –, vai levar a uma classe de para-engenheiros, semelhante aos para-médicos. Pois é, nós temos para-médicos e agora vamos ter para-engenheiros. É quase algo semelhante aos engenheiros operacionais do passado, que não deu certo.

Naturalmente, isso não vai afetar a UFRJ, nem as universidades melhores desse país, mas vai permitir que cursos possam flexibilizar questões que não podem ser flexibilizadas na formação do engenheiro. Bem, disseram que o mercado regula. Pode ser, pode ser que ocorra como no caso dos advogados (ou bacharéis em direito) que se formam e ficam desempregados aos milhares. Vai se criar uma ilusão de possibilidade de emprego para milhares de jovens que vão investir tempo e dinheiro e ficar desempregados depois.

Minha visão da proposta da CNE é simples: entendeu-se que o Brasil precisa de mais engenheiros, e verificou-se que existe uma evasão grande, atribuída ao ciclo básico, mais particularmente a Cálculo e Física. “Solução de engenharia”: reduz-se ou tira-se Cálculo e Física (em níveis mais elevados). Como problema de engenharia está certinho, mas a premissa está errada, nós não podemos ter engenheiros mal preparados. Além disso, de fato é importante melhorar o ensino de Cálculo e Física, motivando os alunos. Há que ter bons professores, motivadores, que façam os alunos gostar dessas disciplinas e compreender sua importância. Outra premissa errada é a de que nosso país precisa de mais engenheiros. Para absorver mais engenheiros (milhares estão desempregados), nós precisamos é de uma política industrial, que não existe. Caso contrário, o que teremos serão engenheiros ganhando mal, mesmo aqueles que são bons engenheiros.

Eu preferiria estar aqui discutindo algo como uma prova semelhante à prova da OAB, mas paciência. Obrigado.”

A A³P entende que sem bons cursos de cálculo e física não há como se formar um bom engenheiro, ou seja, um profissional que tenha competência para inovar e que contribua decisivamente para o desenvolvimento do Brasil.

Curtas da A³P

- O associado Vinicius Carvalho Cardoso, atual Vice-Diretor da Escola Politécnica, é o novo Representante dos Antigos Alunos no Conselho de Ensino de Graduação (CEG). Este Conselho Superior da UFRJ é um dos mais importantes da UFRJ, pois trata quase que exclusivamente das demandas dos cursos de graduação, uma representação estratégica para as unidades de graduação. Sua substituta é a Prof^a Pacita Geoavana Aperibense, presidente da Associação de Ex-Alunos da Escola de Enfermagem Ana Nery. A eleição do Prof. Vinicius se deu em acordo com as outras associações de ex-alunos da UFRJ, sob a liderança do Prof. Sebastião Amoedo, Presidente do Conselho de Minerva, que congrega todas as associações de antigos alunos da UFRJ.

- Está em fase final de edição o livro que a A³P está organizando, “Outras Memórias da Escola Politécnica”. A previsão do lançamento é para março de 2019. A adesão ao projeto foi um sucesso: nada menos que 55 antigos alunos produziram 70 artigos retratando suas memórias, homenageando professores ou contando casos (ou lendas?) cujas lembranças permaneceram nas suas lembranças. São depoimentos de antigos alunos que formaram-se desde 1958 até 2017.

- A A³P participou, em 04 de dezembro, da entrega do prêmio Láurea do Mérito, promovido pelo CREA-RJ. Na ocasião o Presidente Heloi ressaltou a importância de Paulo de Frontin e Helio de Almeida na história da engenharia brasileira.

Final de ano, novo ano.

O ano de 2018 chegou ao fim. Nesses últimos dois anos, a nossa associação passou por seus momentos mais difíceis.

Em meados de 2016 a nossa sede no Largo de São Francisco de Paula foi brutalmente invadida por alunos e pessoas estranhas à UFRJ. Sem até hoje estar esclarecido quem estimulou/autorizou tal invasão, a justificativa era que, por termos origem militar, naquela sala alunos teriam sido torturados por professores durante o período pós 64. Quanto desconhecimento sobre a história da Escola Politécnica. Porém, com o irrestrito apoio do Clube de Engenharia vencemos esse infortúnio. E há o compromisso da Direção da Escola Politécnica em resolver essa questão.

Durante o ano de 2017, o Conselho Diretor, liderado por Paulo Cezar Pinto, muito trabalhou para solucionar as dificuldades financeiras que se agravavam dia após dia. Mas, no início desse ano, chegamos a uma situação insuportável, ficando a A³P financiada por uns poucos sócios. Assim, não houve alternativa senão dispensar a nossa secretária. Daí, outras dificuldades apareceram: comunicação com os associados, emissão dos boletos para pagamento da anuidade, confecção dos boletins e das atas, etc.

No entanto, a resiliência da A³P é admirável. Continuamos sendo referência às outras associações de antigos alunos da UFRJ. Continuamos participando dos principais colegiados superiores da UFRJ e também da Congregação. Continuamos apoiando os ex-alunos nos seus eventos. Continuamos colaborando com a Escola nas discussões curriculares.

Hoje a situação financeira da A³P está regularizada, com recursos financeiros em caixa. Pouco, é verdade, porém não mais no vermelho. Assim, temos total convicção que 2019 será um ano de inflexão na história da A³P!

Desejamos a todos um ótimo final de ano e um feliz 2019.

DIRETORIA

Presidente: Heloi José Fernandes Moreira
1º Vice-Presidente: José Paulo Soares de Azevedo
2º Vice-Presidente: Cláudia do Rosário Vaz Morgado
Diretor Administrativo: Elaine Garrido Vasquez
Diretor 1º Tesoureiro: Eduardo Linhares Qualharini
Diretor 2º Tesoureiro: Fernando Artur Brasil Danziger.
Diretor Técnico-Cultural: Sérgio Hamsphire de Carvalho Santos.
Vice-Diretor Técnico-Cultural: Silvio de Souza Lima.
Diretor Social: Rodrigo Costa Muniz.

CONSELHO FISCAL

Bernardo Griner, Ericksson Rocha e Almendra e Léo Fabiano Baur Reis.

CONSELHO DIRETOR

Mandato até 2019: Atílio Oliveira Assumpção, Ferdinando Valle Magalhães, Joaquim José de Mello Bastos, José Pines e Paulo Cezar Pinto.

Mandato até 2020: Abílio Borges, Jacob Wainer, José Caetano dos Prazeres, Paulo José Poggi da Silva Pereira e Wilhelm Brada.

Mandato até 2021: Cleófas Paes de Santiago, Israel Blajberg, Maria Regina Duarte da Rocha, Olavo Cabral Ramos Filho e Raquel Mattoso.

MESA DO CONSELHO DIRETOR

Presidente: Jacob Wainer.
Vice-Presidente: Atílio Oliveira Assumpção.
Secretário: Paulo Poggi Pereira.